

EDITORIAL

Caro (a) leitor (a).

Apresentamos a vocês o primeiro número do sexto volume da *Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE)* da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Intencionamos revelar algumas contribuições associadas à ciência geográfica que estão vinculadas a diferentes realidades cotidianas. Elencamos inquietações expressivas que norteiam as reflexões teóricas de cunho geográfico.

Entender tais contextos numa perspectiva múltipla de caracterizações, potencialidades e contribuições nos impelem à busca da dialética presente no cientificismo que vem fomentando cada vez mais a ampliação dos horizontes permeados pela geografia nas últimas décadas.

Nesse sentido, apresentamos oito artigos que transitam pelos vários âmbitos desta ciência.

No primeiro artigo, Asalin direciona reflexões e análises associadas à dinâmica da centralidade criada pelos shoppings atacadistas de confecções da cidade de Maringá, nos remetendo à compreensão de que a dinâmica da centralidade pode ser comprovada a partir da mobilidade de consumidores regionais e nacionais, fomentando outras dinâmicas.

Em seguida, Pinto, Passos e Caneparo apresentam uma discussão sobre os movimentos gravitacionais de massa enquanto processos naturais que fazem parte da dinâmica de evolução das vertentes e, por consequência, do relevo como um todo, tendo como base o recorte temporal de março de 2011. Tal estudo associa-se à um estudo de caso da Bacia do Rio Jacareí, ocorrido na Serra da Prata compartimento de relevo pertencente a Serra do Mar, entre os municípios de Morretes e Paranaguá no litoral do Estado do Paraná.

O terceiro artigo vislumbra a compreensão de Ferreira Dias, associada à divisão que os trilhos da ferrovia ocasionaram no espaço urbano, considerando o período entre 1908 a 1950, identificado como a gênese de Ourinhos- SP.

Na sequência, Ana Claudia Silva Almeida caracteriza a vida no campo no Norte do Paraná na segunda metade do século XX, apresentando como recorte temporal, as décadas de 1960 a 1980, período em que o cultivo do café predominava como a principal atividade econômica das propriedades rurais, e garantia uma dinâmica específica a estes espaços.

Já no quinto capítulo, Hiera, Souza Filho e Borsato desenvolvem uma análise rítmica para os meses de junho e julho (em escala diária) e isogramas de Troll (em escala horária). Quantificaram a participação e quantificação das massas de ar atuantes na região durante os meses de junho e julho, tornando possível perceber o horário em que ocorreu o ápice de temperatura negativa e os dias com maior volume de chuvas sem a necessidade de se recorrer à leitura de extensas tabelas.

A discussão seguinte foi desenvolvida por Maria Cristina Rangel, Celene Tonella e está pautada em uma reflexão teórico-prática introdutória sobre *e-territórios*, lugares virtuais onde pessoas com referenciais históricos, interesses territoriais, projetos regionais e construções de identidades comuns se encontram para dominar determinado território concreto. Defendendo a concepção de que os *e-territórios* “em nuvem” fazem com que os recortes territoriais reais adquiram novos componentes materiais e imateriais, de longe e de perto, irrompendo a necessidade de reflexões que possam desvendar as construções dos recortes geográficos na atualidade.

No sétimo artigo apresentado, Coaracy Eleutério da Luz apresenta um breve relato acerca do conhecimento disponível sobre o decurso do conceito de paisagem na conjuntura da ciência geográfica no decorrer dos séculos XIX e XX. A autora defende a ideia de que em cada estágio de desenvolvimento a interpretação paisagística apresentou visível aprofundamento explicativo, partindo de investigações basicamente assentadas nas obras humanas para pesquisas relativas ao campo das representações.

E por fim, Léia Aparecida Veiga, discuti a gênese das fábricas de mesas para bilhar no contexto da formação socioespacial do Centro-Sul brasileiro, desenvolvendo uma interpretação por meio do materialismo dialético. Conclui que a grande maioria das fábricas apresenta uma gênese comum, engendrada na iniciativa de agentes sociais oriundos da pequena produção mercantil urbana e rural que investiram parques capitais na criação de empresas industriais.

Diante dessa gama de reflexões, almejamos que outras concepções científicas possam aflorar no campo fértil da ciência geográfica e que vocês leitores possam ampliar os horizontes do conhecimento científico que o novo milênio vem pleiteando para a sociedade como um todo.

Boa leitura!

Comissão Editorial